

“Splendor in the Grass Society” - João Vilhena

6 Fevereiro / 20 Março 2010

Galeria das Salgadeiras

João Vilhena apresenta na Galeria das Salgadeiras o seu mais recente trabalho «Splendor in the Grass Society» que parte, uma vez mais, do universo cinematográfico, uma constante no seu percurso artístico. Desta feita recorre aos filmes “Splendor in the Grass” e “Bonnie and Clyde”, ambos norte-americanos, da década de 60 e emblemáticos de Hollywood. A João Vilhena interessa, pois, recuperar para os dias de hoje esses ambientes, de vida “quase perfeita”, exemplos máximos do “american way of life”. Contudo, provocando o espectador para outras leituras e narrativas além do guião original, presente na nossa memória colectiva. O que poderia ter acontecido? O que estava “fora de campo”? Que outras perspectivas e, porventura, tensões, se descobrem nestas cenas, por nós, bem conhecidas? Suscitar essa curiosidade, esse imaginário, esse desejo por aquilo que não se vê mas podia ter acontecido, é o convite que se projecta nesta nova série de João Vilhena.

Esta exposição é composta por um conjunto de fotografias trabalhadas digitalmente, a partir de frames dos filmes já mencionados, e por uma instalação que se apropria de diversos espaços da galeria. Um projecto transdisciplinar com imagem, som, cheiro e tacto, uma assemblage que estimula o espectador a experienciar outras dimensões e sensações.

Cinema desde logo pelo uso de cenas descontextualizadas e desfragmentadas. Fotografia pela noção de tempo que aqui surge de forma não linear, alterando, invertendo a sequência original de montagem, ou sobrepondo imagens de um mesmo momento cinematográfico. Um tempo contínuo e descontínuo numa quase alusão ao cinema de David Lynch. Pintura pela noção de composição e de cromatismo. Instalação sonora e espacial induzindo à ausência de uma situação concreta, só materializável no imaginário do espectador. Aqui encontramos, portanto, inúmeras expressões e formas artísticas numa postura claramente assumida por João Vilhena de entender o seu trabalho como arte no sentido lato da palavra. Ou seja, não se restringe aos limites

físicos inerentes a cada suporte. Primeiro existe o conceito, depois a forma mais adequada de o materializar: uma fotografia, um vídeo, uma escultura ou uma instalação sonora. E subjacente ao processo de formalização está toda uma consciência do objecto total: a apresentação final do trabalho faz parte do mesmo, não é mero detalhe. Talvez, no fundo, encontremos as permissas do trabalho de Vilhena na sua formação inicial em Escultura. Por um lado, a preocupação com o objecto, a sua escala, o espaço de instalação. Por outro, a maneira como o espectador vive esse objecto, percorrendo um espaço e reage à obra de arte.

Ana Matos

Lisboa, Fevereiro 2010